



ÁUREA NINO DE ALKIMIN LOPES¹
ELCIO VALMIRO SALES DE MENDONÇA²
HIGOR RIBEIRO DE ARAÚJO LIMA MACEDO³
RENATA MARTINS DAUD⁴

A Evolução Linguística No Brasil: Desafios e Possibilidades Antropológicas na Utilização da Língua Nheengatu

*Linguistic evolution in Brazil: challenges and anthropological possibilities in
the use of the nheengatu language*

ARTIGO 6

80-87

1 Graduada em Antropologia (Uniassevi). E-mail: aurealopes@hotmail.com

2 Professor na Graduação em Arqueologia (UNIMES). Graduando em Antropologia (Uniassevi). E-mail: elcio.mendonca@hotmail.com

3 Graduando em Antropologia (Uniassevi). E-mail: amigohigor1@yahoo.com.br

4 Graduada em Antropologia (Uniassevi). E-mail: renata.daud@terra.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a evolução linguística no Brasil, destacando sua complexidade e dinamicidade influenciadas por fatores históricos, sociais, culturais e políticos desde a chegada dos colonizadores portugueses no século XVI. A pesquisa foca nas transformações da língua portuguesa falada no Brasil, que incorporou elementos de línguas indígenas, africanas e europeias, resultando na diversidade linguística regional e na riqueza lexical do país. A metodologia emprega uma abordagem qualitativa por meio de levantamento bibliográfico para compreender as mudanças linguísticas ao longo do tempo. O estudo explora a importância de teorias linguísticas, como o estruturalismo de Ferdinand de Saussure, e a teoria da enunciação, de Émile Benveniste, para entender a evolução e a diversidade das línguas. Os resultados revelam que o processo de evolução linguística no Brasil foi impulsionado pelo contato com diversas culturas, resultando em um “multilinguismo” que contribuiu para a formação do português brasileiro. O artigo destaca a língua Nheengatu, de origem Tupi-Guarani que, apesar de estar em declínio, permanece como um importante patrimônio cultural e linguístico na região amazônica. A discussão enfatiza a necessidade de revitalização e preservação de línguas indígenas como o Nheengatu, mediante programas educacionais e iniciativas de documentação linguística. O estudo conclui que a preservação das línguas indígenas é crucial para a manutenção da identidade cultural e da diversidade linguística no Brasil, considerando o impacto das mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

Palavras-chave: Evolução linguística. Diversidade regional. Multilinguismo. Língua Nheengatu. Antropologia.

Abstract: This article aims to analyze linguistic evolution in Brazil, highlighting its complexity and dynamism influenced by historical, social, cultural and political factors since the arrival of Portuguese colonizers in the 16th century. The research focuses on the transformations of the Portuguese language spoken in Brazil, incorporating elements from indigenous, African and European languages, resulting in regional linguistic diversity and the country's lexical richness. The methodology employs a qualitative approach through bibliographical research to understand linguistic changes over time. The study explores the importance of linguistic theories, such as Ferdinand de Saussure's structuralism and Émile Benveniste's theory of enunciation, to understand the evolution and diversity of languages. The results reveal that the process of linguistic evolution in Brazil was driven by contact with different cultures, resulting in “multilingualism” that contributed to the formation of Brazilian Portuguese. The article highlights the Nheengatu language, of Tupi-Guarani origin, which, despite being in decline, remains an important cultural and linguistic heritage in the Amazon region. The discussion emphasizes the need to revitalize and preserve indigenous languages such as Nheengatu, through educational programs and linguistic documentation initiatives. The study concludes that the preservation of indigenous languages is crucial for maintaining cultural identity and linguistic diversity in Brazil, considering the impact of social, economic and technological changes.

Keywords: Linguistic evolution; Regional diversity; Multilingualism; Nheengatu language; Anthropology.

INTRODUÇÃO

A bordamos a evolução linguística no Brasil como um processo complexo e dinâmico, influenciado por aspectos históricos, sociais, culturais e políticos a partir da chegada dos colonizadores portugueses no século XVI, tendo em vista que a língua portuguesa foi concebida e introduzida no território nacional e se tornou o principal meio de comunicação do país. Todavia, ao longo de alguns séculos, a língua portuguesa falada no Brasil passou por algumas transformações, incorporando e atrelando os elementos de línguas indígenas, africanas e de idiomas europeus, como o francês e o espanhol, concatenados a colonizadores conforme os domínios políticos datados daquele período histórico.

Nesta perspectiva, um dos principais aspectos da evolução linguística no Brasil se soma ao fato da predominância da diversidade linguística regional. O país representa uma grande variedade de dialetos, sotaques e expressões regionais, influenciados pelas migrações geradas pelo crescimento econômico. Além disso, o contato com culturas, léxicos e idiomas por meio de ações temporais promoveu a riqueza linguística e a estruturação do português para as relações sociais.

Desta forma, o objetivo está em compreender as tratativas das mudanças e transformações que se sucedem nas línguas ao longo do tempo histórico, sobretudo a formação de significado a partir das relações humanas. Certamente, este processo é contínuo e pode ser observado em vários aspectos da linguagem, incluindo fonética, gramática, semântica e léxico.

Além disso, é possível constatar que, com o tempo, as línguas podem se diversificar e ocasionar fenômenos passíveis de serem estudados à luz de preceitos da evolução das culturas e sociedades

humanas multifacetadas. Há de se pensar que diferentes grupos que falam a mesma língua inicial podem se separar e desenvolver diferentes dialetos por intermédio das interações entre diferentes comunidades linguísticas que levam ao empréstimo de palavras e estruturas gramaticais, influenciadas pela comunidade linguística e tecnologia que abarca e introduz novas palavras e conceitos.

A justificativa dessa pesquisa atinente à evolução linguística se apresenta com base na preponderância do estudo da língua como elemento integrante para a implementação da identidade cultural, tendo em vista que os membros de uma comunidade linguística frequentemente compartilham idiossincrasias, ideias, valores, tradições e uma história comum, que são explanados e transmitidos graças à função social da linguagem. Com isso, estudar comunidades linguísticas pode oferecer dicas valiosas sobre a diversidade e a dinamicidade das línguas, bem como o modo pelo qual as pessoas se comunicam e se conectam nas ações cotidianas pela linguagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Evidentemente, nos últimos séculos, a urbanização, a globalização e os avanços tecnológicos contribuíram para a consolidação da língua portuguesa no país. Por isso, é importante citar que o uso cada vez mais acentuado da internet influencia acentuadamente a complexificação da gramática, léxico, semântica e morfologia do português utilizado no território nacional. Tudo isso somado às premissas da evolução linguística por intermédio de questões contínuas e diversificadas, a fim de engendrar as tendências sociais, políticas e econômicas no seu uso ao longo do tempo.

Por isso, podemos mencionar que o estruturalismo criado por Ferdinand de Saussure, é uma perspectiva linguística que atua na conjuntura associada à multifatorialidade das línguas naturais. Sendo assim, Saussure é conhecido pelo “Curso de

Linguística Geral”, no qual ele introduziu muitos dos conceitos fundamentais do estruturalismo. A seguir, enfatiza-se que:

Do ponto de vista prático, seria interessante começar pelas unidades, determiná-las e dar-se conta de sua diversidade, classificando-as. [...] A seguir, ter-se-iam de classificar as subunidades, depois as unidades maiores etc. Ao determinar dessa maneira os elementos que maneja, nossa ciência cumpriria integralmente sua tarefa, pois teria reduzido todos os fenômenos de sua competência ao seu princípio primeiro (Saussure, 1975, p. 128).

No bojo dessa acepção, deve-se considerar que uma das abordagens teóricas de Saussure se soma ao fato da diferenciação entre *langue* (língua) e *parole* (fala). Outrossim, *langue* refere-se ao sistema linguístico abstrato e estruturado compartilhado por uma comunidade linguística, sendo que *parole* está articulado à utilização materializada e individual da língua materna nas mais variadas situações pormenorizadas com base no que Saussure relatava, o artifício da linguagem como algo a ser estudado não apenas em seu uso contextualizado, porém na sistematização dos valores funcionais da língua falada.

Dentro desse preceito, outro conceito preponderante é o de signo linguístico, que se manifesta

em duas partes: o significado (ou sentido) e o significante (ou forma). Para isso se tornar algo vivificado, salientamos que o significado é o conceito mental associado a uma palavra, enquanto o significante é a forma sonora ou visual que representa esse conceito.

Ademais, Saussure ressaltou a arbitrariedade do signo linguístico, isto é, a desarticulação manifestamente direta entre o significado e o significante, pois é relevante considerar as relações impregnadas de sentido entre os signos dentro do sistema linguístico. Desta forma, o fenômeno linguístico é:

Sem dúvida, esses dois objetos são estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? (Saussure, 1975, p. 27).

Conforme tais observações, esses arcabouços teóricos foram essenciais para o desenvolvimento de uma linguística estruturalista e influenciaram sobremaneira as diversas áreas das ciências humanas, incluindo antropologia, sociologia e semiótica.



Figura 1. Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro, em 1500 / Fonte: https://artsandculture.google.com/asset/desembarque-de-pedro-álvares-cabral-em-porto-seguro-1500/_AFagopsRT5Jow?hl=pt-BR&ms=%7B%22x%22%3A0.5%2C%22y%22%3A0.5%2C%22z%22%3A9.515443787207087%2C%22size%22%3A%7B%22width%22%3A1.5228902371759516%2C%22height%22%3A1.2375%7D%7D. Acesso em: 3 jun. 2024.

Também frisamos, neste trabalho acadêmico, a importância de Émile Benveniste, que foi um linguista francês de grande importância no campo da linguística estrutural. Ele se tornou conhecido pelas suas contribuições à teoria da linguagem e pela análise dos aspectos linguísticos e semióticos.

É importante citar que Benveniste (2005) desenvolveu a teoria da enunciação que enfatiza como os enunciados linguísticos são elaborados pelos falantes e como o contexto social influencia a interpretação dessas falas.

À guisa da concepção, Benveniste distinguiu o significado do conceito relacionado a um signo linguístico da referência, ou seja, o objeto ou ideia a que o signo se refere no mundo humano. A produção de significado se constitui quando:

A linguagem, porém, é realmente o que há de mais paradoxal no mundo, e infelizes daqueles que o não veem. Quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu serem-isso substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe que nos cumpre destacar (Benveniste, 2005, p. 45).

Amplamente reconhecido por suas ideias inovadoras sobre a natureza da linguagem e a comunicação humana, podemos considerar o fato de o fenômeno linguístico também estar associado à existência da língua que promove a fala e, no caso em questão, exemplificaremos com a Língua Nheengatu, tão difundida historicamente nas comunidades indígenas.

Diante da prerrogativa citada anteriormente, a língua Nheengatu, também conhecida como Língua Geral Amazônica, é uma língua de origem Tupi-Guarani que se desenvolveu durante o período

colonial no Brasil (ver Figura 1). A obra de Oscar Pereira da Silva, de 1900, retratou o momento da chegada dos portugueses em terras brasileiras, dando início ao processo de colonização do Brasil.

Assim, a Língua Nheengatu conseguiu evoluir a partir da língua Tupinambá, uma das línguas do grupo Tupi-Guarani falada pelos povos indígenas no Brasil, Missionários portugueses, especialmente os jesuítas, tiveram papel efetivo em seu desenvolvimento e perpetuação, valendo-se para a instrução religiosa e conversão dos indígenas diante das arbitrariedades da colonização portuguesa.

Sabe-se também que o Nheengatu é falado principalmente na região amazônica, em países como Brasil, Colômbia e Venezuela. Embora sua prática social tenha diminuído, a língua permanece como um importante patrimônio cultural e linguístico para muitas comunidades indígenas das regiões destacadas acima (Felipe; Mari; Ferreira, 2022).

METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizará uma abordagem qualitativa por meio de levantamento bibliográfico para salientar a importância do estudo das mudanças linguísticas, que é crucial para entender a história humana, as migrações e as possíveis interações culturais e sociais. Por isso, também ajuda a compreender melhor as línguas modernas e a prever possíveis mudanças futuras que podem acelerar ou direcionar transformações linguísticas a partir dos modos de vida e ideias que são requeridas para a formação de novas palavras e expressões.

O processo de evolução de uma língua se remete a invasão ou migração de outros povos, onde a linguagem, por contato verbal, ao longo do tempo, vai se modificando. Como exemplo, podemos colocar “vossa mercê” que evoluiu para “vos mercê”, chegando a “você”. Isto foi em um período longo, quase 200 anos, mas a maior evolução se deve a redução de pronomes e demonstrativos na língua falada que logo, poderá se infiltrar na língua escrita.

Para entender esse processo de evolução linguística, faz-se necessário entender a evolução da língua portuguesa no Brasil. Os portugueses, quando chegaram ao Brasil, acreditavam que havia aqui 1.200 povos indígenas; falavam-se aproximadamente mil línguas. Além dessa diversidade étnica e linguística, houve a entrada de 4 milhões de africanos de diversas culturas, que foram escravizados. Dessa forma, esta diversidade linguístico-cultural excitou as bases da construção da identidade do português brasileiro. Desta forma, o contato com indígenas, africanos e povos de várias nações europeias deu origem ao “multilinguismo” que contribuiu para a formação da identidade do português falado no Brasil (Câmara Jr., 1979).

O “multilinguismo” que ainda hoje contribui para a evolução da língua portuguesa falada no Brasil através das línguas indígenas em sua contribuição ao vocábulo botânico, da fauna, toponímia, onomástica, e a contribuição da língua e dialeto africanos. Todos esses acréscimos ainda são fortalecidos com a implantação do português, que pode ser atribuído a períodos importantes para a implantação, sendo: “o primeiro momento vai da colonização até a saída dos holandeses, em 1654; o segundo com a chegada da Família Real ao Brasil (1808); o terceiro com a independência do Brasil (1822)”, e por último com a imposição da língua do colonizador em língua nacional brasileira (Bueno, 2000).

Mas, entende-se que o léxico de qualquer língua não é imóvel, sempre está em constante movimento e aceites de novas agregações, onde haverá disseminação de palavras e substituição por outras. Portanto, mesmo com profundas mudanças para a língua que falamos hoje, ainda estamos em transformação e, o exemplo que temos é os últimos acréscimos, como a entrada do gerúndio e as abreviações de pronomes e demonstrativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O gerúndio utilizado no Brasil é utilizado, com frequência, na fala e na escrita. Esse aspecto gramatical

pode ser estudado como uma evolução linguística ou como um acultramento por uma tradução errônea do inglês. Tal transformação pode ser observada a partir da década de 40 por conta de traduções de livros do idioma inglês, assim o gerúndio foi disseminado. O gerúndio é diferente do gerundismo. Ambos são formas de evolução linguística ou acultramento.

Entende-se que o léxico de qualquer língua não é imóvel, sempre está em constante movimento e aceites de novas agregações, onde haverá disseminação de palavras e substituição por outras. Portanto, mesmo com profundas mudanças para a língua que falamos hoje, ainda estamos em transformação e o exemplo que temos são últimos acréscimos, como a entrada do gerúndio e as abreviações de pronomes demonstrativos.

Sabemos também que o Nheengatu é falado principalmente na região amazônica, em países como Brasil, Colômbia e Venezuela. Embora sua prática social tenha diminuído, a língua permanece como um importante patrimônio cultural e linguístico para muitas comunidades indígenas das regiões destacadas acima.

A língua Nheengatu mantém muitas características gramaticais, semânticas e lexicais de suas raízes Tupi-Guarani, porém incorporou aspectos da língua portuguesa e utiliza uma ordem de palavras Sujeito-Objeto-Verbo (SOV), típica das línguas Tupi-Guarani na Região Amazônica (Anchieta, [1595] 1946).

Neste sentido, além de ser um instrumento de comunicação, o Nheengatu é um bojo fundamental da identidade cultural para muitos grupos indígenas, sendo que há esforços para revitalizar e preservar a língua através de programas educacionais e pesquisas linguísticas.

Claramente constatado, o Nheengatu é considerado uma língua ameaçada, com iniciativas em andamento para viabilizar a sua prática entre os mais jovens das regiões atendidas pela língua, além de ter reconhecimento oficial em várias regiões, como no Estado do Amazonas no Brasil, na qual é ensinada nas escolas e utilizada em meios

de comunicação locais e oficiais. Também se considera que:

A Língua Geral Amazônica foi aquela em que se expressou a civilização cabocla ribeirinha do Norte, que se definiu a partir da inserção dos indígenas no mundo do colonizador branco mediante sua escravização ou pela mestiçagem. Dezenas de povos indígenas diferentes a falaram. Indígenas de diferentes línguas e culturas conheciam-na. Foi por meio das línguas gerais que a América indígena se encontrou com a América portuguesa. Elas representavam um encontro de mundos (Navarro, 2002, p. 246).

O contato com a língua portuguesa fez gradativamente a Nheengatu entrar em perigo de extinção, porque se estima que uma língua indígena desapareça a cada tempo histórico de utilização, tendo em vista fatores como a marginalização cultural e social, econômica e política, a migração forçada, tecnologia acentuada, a educação em línguas dominantes e a urbanização contribuírem para o declínio de determinadas línguas indígenas, em especial àquela falada em alguns locais do Brasil e países da América do Sul.

Podemos citar que diversas iniciativas estão em consecução para revitalizar e preservar a língua Nheengatu, pois são previstos alguns programas de educação bilíngue, elaboração de documentação linguística, discussão e operacionalização de materiais didáticos e uso de tecnologia para o ensino e aprendizagem nos diferentes territórios educativos e manutenção de patrimônio histórico, incluindo o direito ao uso da língua indígena na educação, na mídia e nos serviços públicos, valorizando a prática social constituída de relevância no espaço político e econômico (Anchieta, [1595] 1946).

Portanto, é imprescindível nomear a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007), que destaca o direito dos povos indígenas de reviver, usar, desenvolver e transmitir às futuras gerações suas línguas no território brasileiro, incorporando a tecnologia como res-

ponsável pela preservação e revitalização das línguas indígenas, além da conquista da identidade indígena e perpetuação da cultura ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste artigo, destacamos a riqueza e a complexidade da evolução linguística no Brasil, caracterizada pela predominância da diversidade linguística regional. Ao longo do tempo histórico, o país tem sido moldado por uma multiplicidade de dialetos, sotaques e expressões regionais, cuja diversidade reflete não apenas a vasta extensão geográfica, mas também as influências das migrações e do crescimento econômico.

É crucial reconhecer que a interação entre diferentes culturas, léxicos e idiomas ao longo das temporalidades contribuiu significativamente para a riqueza linguística observada hoje. A diversidade linguística não é apenas um reflexo das dinâmicas sociais e históricas, mas também um elemento essencial na estruturação e na adaptação contínua da língua portuguesa às necessidades e às nuances das relações sociais.

Observa-se que as mudanças e transformações linguísticas não ocorrem de forma isolada, mas são profundamente enraizadas nas interações humanas. A formação de significados e a evolução da linguagem refletem não apenas aspectos fonéticos, gramaticais, semânticos e lexicais, mas também os contextos sociais, culturais e históricos que permeiam as interações comunicativas.

Portanto, o estudo da evolução linguística no Brasil não se restringe apenas ao entendimento das mudanças estruturais da língua, mas também à valorização da diversidade e à compreensão das múltiplas formas pelas quais a linguagem se adapta e se transforma ao longo do tempo. Este processo dinâmico e contínuo não apenas enriquece o patrimônio linguístico nacional, mas também ressalta a importância de políticas linguísticas inclusivas que reconheçam e valorizem a diversidade como um ativo cultural e social fundamental.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, J. de. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Ed. fac-sim. [de 1595]. São Paulo: Anchieta, 1946.

BENVENISTE, É. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005. p. 35-49.

BUENO, J. S. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FELIPE, P. H.; MARI, A. H. C.; FERREIRA, J. C. (org.). **Introdução às línguas indígenas do Brasil**: agrupamentos e famílias linguísticas maiores, políticas e educação escolar indígena. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

NAVARRO, E. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2002.

NOLL, V.; DIETRICH, W. (org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SILVA, O. P. da. **Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500**. 1900. 1 original de arte, óleo sobre tela, 190 cm x 330 cm. Coleção Museu de História Paulista, São Paulo. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/desembarque-de-pedro-álvares-cabral-em-porto-seguro-1500/_AFagopsRT5Jow. Acesso em: 3 jun. 2024.